

EDIÇÃO HISTÓRICA

PLACAR



Nº 1086 AGOSTO DE 1993 Cr\$ 290.000,00

POSTERS GIGANTES
DO PALMEIRAS, VASCO,
SÃO PAULO E CRUZEIRO
SUPERPOSTERS: GRÊMIO E AMÉRICA-MG
POSTERS: BAHIA, COMERCIAL-MS,
LINHARES E CAMPEÕES DA EUROPA

SÃO PAULO-SP

DE NOVO, O DONO DO CONTINENTE

PALMEIRAS-SP

O TIMAÇO QUE VIROU ETERNO

VASCO-RJ

O QUARTO BI DA HISTÓRIA

AMÉRICA-MG

O COELHO VOLTA A SER GRANDE

CRUZEIRO-MG

SÓ DEU ELE NA COPA DO BRASIL

BAHIA-BA

A VINGANÇA MAIS QUE PERFEITA



CAMPEÕES 93



 **Editora Abril**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa
DIRETOR SUPERINTENDENTE: Ronald Jean Degen

DIRETOR DE CIRCULAÇÃO: Carlos Roberto Berlinck
SECRETARIO EDITORIAL: Celso Nucci
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Edvard Ghirelli
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Gilberto Fischel
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE SISTEMAS: Vanderlei Bueno

PLACAR

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfour
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
EDITORES: Milton Belintani, Walterson Sardenberg S^o
FOTÓGRAFO: Nélon Coelho
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho,
Manoel G. Coelho F^o

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
DIRETOR DE SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS: Pedro Martinelli
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

DIRETOR DE COMERCIALIZAÇÃO: Paulo Paulista C.S. Carmo
EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Celso Marche, Pedro Bonaldi,
Mariane Ortiz, Dario Castilho, Lilica Mazer,
Sandra Sampaio, Angelo Derenze,
Claudio Bartolo (RJ), Marcia Alvaredo (RJ),
Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE DE COMERCIALIZAÇÃO: Moacyr Guimarães
GERENTES DE COMERCIALIZAÇÃO DIRETOS: Paulo D'Andrea,
João Paulo Pizarro, Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
GERENTE DE CLASSIFICADOS: Crislaine Lago

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Eduardo Marafanti
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano D'Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

 **Grupo Abril**

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi,
Ike Zarnati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio,
Thomaz Souto Corrêa



PLACAR

O GRANDE CULPADO

As pessoas de bom senso — por exemplo, eu e os leitores — sabem que ter um calendário é fundamental para o bom exercício de qualquer arte ou ofício. Calendário significa organizar, programar, racionalizar. Todos concordam com isso, menos os dirigentes do nosso futebol. É tedioso falar desse assunto, por tão antigo. Nossos cartolas possuem, no entanto, esse dom — o de transformar o velho em coisa atual. Em toda a Europa, um continente, os campeonatos nacionais terminam na mesma época. No Brasil, um país, as competições regionais acabam — quando acabam — em meses diferentes, como se o tempo corresse com um ritmo no Ceará e com outro em São Paulo. Temos, assim, os campeões de alguns Estados e não os de outros.

Como a inflação, essa desorganização só existe porque muita gente ganha com ela. A culpa de tudo passa a ser do calendário. Ou melhor, da falta de um. Se o Parreira, técnico da Seleção Brasileira, convoca e escala o Dunga nos jogos das Eliminatórias, deixando Cafu e Palhinha no banco, o réu a ser apontado pelo crime de lesa-futebol é o calendário. Como ele, o calendário, não existe, todos os absurdos são possíveis e permitidos. Ninguém é responsável. Pobre de nós, gente de bom senso.

Sérgio f. Martins

4

Libertadores

São Paulo iguala feito do Santos: bi sul-americano

9

Copa do Brasil

É do Cruzeiro o primeiro título nacional do ano

12

São Paulo

Palmeiras acaba com jejum em grande estilo

17

Rio de Janeiro

Vasco chega ao quarto bi de sua história

22

Rio Grande do Sul

Grêmio, com Dener, não viu adversários

26

Minas Gerais

América vence papões e mostra que é grande

28

Bahia

Tricolor ganha tudo em sua doce vingança

32

Espírito Santo

União de pequenos faz do Linhares campeão

34

Mato Grosso do Sul

Comercial dá a volta por cima para faturar mais um

36

Mundial de Juniores

Garotada do Brasil fica com o tri na Austrália

38

Copa dos Campeões

Adeus, Milan: Olympique é o bambambã europeu

41

França

Campeonato foi parar na polícia. A Justiça decide

42

Copa da UEFA

Roberto Baggio leva Juventus a mais uma taça

44

Recopa Europeia

Parma tem seu primeiro caneco continental

46

Itália

Supertime do Milan bisa scudetto com facilidade

48

Espanha

Inédito e emocionante: Barcelona tricampeão

50

Alemanha

No finalzinho, a vitória do Werder Bremen

52

Portugal

De novo, deu o Porto de Carlos Alberto Silva

54

Inglaterra

Manchester United põe a faixa depois de 25 anos

56

Argentina

Vélez Sarsfield detona a maldição de 1968

Ser campeão é sempre difícil. Mas ser campeão do bairro é mais fácil que ser campeão da cidade, que é mais fácil que ser campeão do país, que é mais fácil que ser campeão do continente. Palmas, então, para o São Paulo, bicampeão da Libertadores — um feito que só o Santos de Pelé havia conseguido entre os clubes brasileiros



SÃO PAULO

DO CAMPO PARA A HISTÓRIA

Pela segunda vez consecutiva, Raí e Cia. assombram a América. E, com um futebol genial, fazem do tricolor o primeiro brasileiro bi da Libertadores depois do Santos de Pelé

BICAMPEÃO DA LIBERTADORES



FOTO NELSON COELHO

Raí ergue a taça em Santiago: um prêmio em seu último torneio no tricolor

Bastou o juiz paraguaio Juan Escobar apitar o final do último jogo entre Universidad Católica e São Paulo, no Estádio Nacional de Santiago, para cada craque tricolor soltar a emoção, sem se importar com a vitória chilena por 2 x 0. Afinal, depois da goleada de 5 x 1 na primeira partida da decisão, no Morumbi, o time são-paulino só deixaria de se sagrar bicampeão da Taça Libertadores da América se tivesse perdido por mais de três gols de diferença. E havia outros motivos para tanta alegria: com o troféu nas mãos do capitão Raí, o São Paulo igualou os feitos do grande Santos de Pelé na Libertadores, tornando-se o segundo clube brasileiro a conquistar o bicampeonato continental.

“Mais do que nunca estamos na história do futebol”, alegrava-se o lateral-esquerdo Ronaldo Luís, o único desfalque em Santiago por ter se machucado no jogo anterior contra o Universidad Católica. A prova de que o camisa 6 estava certo veio ainda na primeira partida das finais. Antes daqueles sonoros 5 x 1 do Morumbi, nunca uma equipe conseguira um marcador tão dilatado na decisão do torneio. Anteriormente, porém, a essa goleada os comandados de Telê Santana já haviam demonstrado que, a exemplo de 1992, formavam o melhor time do continente.

Os primeiros sinais disso vieram nas oitavas-de-final, quando o tricolor enfrentou o Newell's Old Boys. O rival argentino, que queria vingança da derrota sofrida na final do ano passado, até chegou a assustar. Venceu em Rosario por 2 x 0 e obrigou o São Paulo a precisar ganhar por dois gols de diferença no Morumbi. No Brasil, no entanto, não teve nenhuma chance. Foi um show, principalmente de Raí, que comandou a goleada por 4 x 0 e ainda marcou dois gols — os outros foram de Dinho e Cafu.

A batalha seguinte foi doméstica. Para seguir em sua caminhada, o São Paulo necessitava despachar o Flamengo. Co-



FOTO NELSON COELHO

Contra o Universidad Católica, no Morumbi: 5 x 1 e uma festa para abrir o caminho rumo ao bi



No segundo jogo das finais, no Chile, a raça de Raí foi a arma para esfriar o ímpeto do Universidad Católica

meçou dando um baile no Maracanã, embora não tenha passado de um empate em 1 x 1, por conta das inúmeras chances de gol desperdiçadas. Em São Paulo, no entanto, nem a violência do rubro-negro Júnior Baiano impediu a vitória por 2 x 0 e a classificação para as semifinais. “Nos entendemos tão bem que não precisamos nem olhar para tabular”, orgulhava-se o atacante Müller, que marcou o primeiro gol depois de receber um lançamento perfeito de Palhinha.

Tamanho entrosamento só não evitou um susto nas semifinais, quando o tricolor tirou o Cerro Porteño do caminho com um magro 1 x 0 e um empate em 0 x 0 em Assunção. Com a vaga garantida na decisão, havia ainda uma motivação extra: dar a Raí seu último título com a camisa são-paulina. Quem pagou por isso foi o pobre Universidad Católica, que assistiu passivamente a um festival de bom futebol e gols magníficos de Vítor, Gilmar, Müller e do próprio Raí — o zagueiro chileno Lopes abriu a goleada fazendo contra.

“Mas o Universidad foi o nosso mais difícil adversário”, dizia o técnico Telê Santana. Nem os torcedo-

res em Santiago, no entanto, conseguiam acreditar na afirmação do treinador do São Paulo. Olhavam-no com admiração, pediam autógrafos ou simplesmente tentavam aproximar-se do responsável pela direção do time brasileiro que, na opinião de todos, estava pronto para ganhar o título. Apenas

no Estádio Nacional o clima mudou. Lá, a torcida entoava hinos de guerra, deixando claro que estaria fielmente ao lado do Universidad Católica, mesmo sabendo que sua tarefa não seria das mais fáceis. “*Van a morir*”, gritavam enlouquecidos os torcedores. “*Y vamos salir campeones.*”

Nem assim, e nem levando dois gols com apenas catorze minutos de jogo (Lunari e Almada marcaram para os chilenos), o tricolor se desesperou. Mostrou maturidade para colocar a bola no chão, esfriar o ímpeto adversário e provar mais uma vez que é o melhor time do continente.

“Perder desse jeito sempre vale a pena”, garantia Palhinha, que jogou toda a decisão com a camisa 18 — utilizada na campanha do título de 1992 — por baixo da tradicional número 9. “Coloquei-a por causa do frio”, desculpava-se o atacante tricolor, ao se dar conta do número escrito às costas.

Agora, o São Paulo já sonha com o bicampeonato em Tóquio, onde decidirá o Mundial Interclubes no dia 12 de dezembro. Tudo para outra vez tentar igualar os títulos do Santos de Pelé. E reforçar um pouco mais seu nome na história do futebol internacional.



FOTOS NELSON COELHO



A técnica de Palhinha no meio-campo (acima) e a vibração do polivalente Cafu (à esq.) levaram o tricolor até a decisão de Santiago. Depois a raça se encarregou de colocar a faixa do bicampeonato no peito dos são-paulinos

FOTOS NELSON COELHO



Com quatro gols decisivos, Raí garantiu a artilharia

FOTO RICARDO CORRÊA

O ARTILHEIRO

MANTENDO A VELHA TRADIÇÃO

Desde 1991, quando o futebol de Raí explodiu, a história se repete. A cada campeonato, seu nome aparece invariavelmente pontuando a lista de artilheiros do São Paulo. Foi assim nos Brasileiros de 1991 e 1992 (sete e cinco gols assinalados), nos Campeonatos Paulistas de 1991, 92 e 93 (marcou, na ordem, vinte, quinze e catorze vezes) e até mesmo na decisão do Mundial Interclubes, quando anotou os dois gols da vitória por 2 x 1 contra o Barcelona da Espanha.

Faltava apenas confirmar seu oportunismo na Taça Libertadores da América — Palhinha foi o goleador em 1992 com sete gols. Este ano, no entanto, Raí balançou as redes quatro vezes — duas contra o Newell's Old Boys, uma contra o Cerro Porteño e outra contra o Universidad Católica — e foi de novo o artilheiro do time. Só lhe faltou a glória de ser o principal goleador do torneio. Esse mérito coube ao argentino Juan Almada, do Universidad Católica, autor de oito gols durante a campanha.

O título e a artilharia do São Paulo na competição tinham ainda um significado extra para o craque. Afinal, era seu último campeonato pelo São Paulo e Raí se dispôs a viver seus melhores momentos no clube. E a não esquecê-los. Em Santiago, por exemplo, o então capitão tricolor gravou tudo o que aconteceu na concentração em uma moderna câmera de vídeo. "Quero lembrar cada minuto de convivência com meus companheiros", explicou Raí.

Com o troféu nas mãos, obteve enfim a certeza de que não somente ele ficaria com o tricolor na memória. A torcida também não se esquecerá jamais dos seis anos que passou no Morumbi (chegou em 1987 e transferiu-se para o Paris Saint-Germain, da França, logo após a eliminação do tricolor do Campeonato Paulista). Por isso Raí sabe melhor do que ninguém que, com seus quatro gols na Taça Libertadores da América, fechou sua passagem com chave de ouro.

A CAMPANHA

O CAMINHO PARA A TAÇA

OITAVAS-DE-FINAL

Newell's Old Boys (ARG) 2 x São Paulo 0
São Paulo 4 x Newell's Old Boys (ARG) 0

QUARTAS-DE-FINAL

Flamengo 1 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Flamengo 0

SEMIFINAIS

São Paulo 1 x Cerro Porteño (PAR) 0
Cerro Porteño (PAR) 0 x São Paulo 0

FINAIS

São Paulo 5 x Universidad Católica (CHI) 1
26/maio/93

UNIVERSIDAD CATÓLICA (CHI) 2 x SÃO PAULO 0

Local: Estádio Nacional (Santiago); **Juiz:** Juan Escobar; **Gols:** Lunari 9 e Almada. 14 do 1º; **Cartão amarelo:** Dinho, Contreras, Pintado e Válber

UNIVERSIDAD CATÓLICA: Wirth, Romero, Vázquez, Contreras e Tupper (Reinoso); Lepe, Lopez, Pérez e Parraguez; Almada e Barrera. **Técnico:** Ignacio Prieto
SÃO PAULO: Zetti, Vítor (Toninho Cerezo), Válber, Gilmar e Marcos Adriano; Pintado, Dinho, Cafu e Palhinha; Raí e Müller. **Técnico:** Telê Santana

RESUMO DA CAMPANHA

8 J, 4 V, 2 E, 2 D, 13 GP, 6 GC



SÃO PAULO Bicampeão da Libertadores 1992/93

PLACAR



Em pé: Gilmar, Zetti, Dinho, Vitor, Pinheiro e Marcos Adriano; agachados: Müller, Pulhinha, Volber, Raf e Cobi

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO

JOÃO FARAH

2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ